



SAÚDE PÚBLICA

Investigando a febre oropouche

Cientistas buscam reunir mais informações sobre a doença que tem sintomas semelhantes aos da dengue e da chikungunya

» MAYARA SOUTO

O número jamais registrado de casos de febre Oropouche no Brasil tem assustado a população. Somente neste ano, foram identificadas mais de 7,6 mil pessoas com a doença — em 2023, eram apenas 831. O arbovírus Orthobunyavirus oropoucheense existe no país desde a década de 1960, concentrado na região amazônica. Porém, em 2024, tomou conta de praticamente todo território brasileiro. Especialistas ouvidos pelo Correio compartilham esforços da ciência para tentar entender esse surto epidemiológico.

“É um vírus que temos muito menos informação do que em relação à dengue. Do ponto de vista de tratamento estamos procurando, ele é de suporte, não existe específico, não existe vacina. Então, o que os médicos fazem é controlar os sinais e sintomas — quanto mais cedo o diagnóstico, mais fácil direcionar o tratamento. Orientamos que as pessoas com sintomas procurem logo um atendimento médico. Tratamos com o conhecimento que temos da dengue”, explica Felipe Gomes Naveca, virologista e chefe do Laboratório de Arbovírus e Vírus Hemorrágicos do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz).

Assim como outras arboviroses (dengue, zika, chikungunya), a Oropouche é transmitida por um mosquito, chamado de “maruim”, e provoca sintomas similares à dengue. Os mais comuns são: dor de cabeça intensa, dor muscular, náusea e diarreia. Isso pode ser um desafio na hora do diagnóstico.

Segundo a especialista, 60%

dos pacientes sintomáticos infectados pelo vírus Oropouche apresentam uma melhora clínica. Depois de 15 ou até 30 dias, voltam a sentir as dores. Se não tiver sido testada, a pessoa pode acreditar, inclusive, que contraiu dengue pela segunda vez — o que é um quadro bem perigoso.

O Brasil foi também o primeiro no mundo a confirmar morte pela Oropouche, que também existe nos outros países das Américas. Duas mulheres, com menos de 30 anos, moravam no interior da Bahia e não possuíam comorbidades. Os sintomas apresentados por elas eram semelhantes aos de um quadro grave de dengue.

“Nunca tinha sido descrito óbito, ainda estamos tentando entender o que aconteceu”, diz Felipe Naveca, pesquisador da Fiocruz. Segundo ele, em ambas mortes foi verificado o comprometimento de vários órgãos e, em algumas literaturas, é descrito manifestações hemorrágicas e no sistema nervoso central no agravamento da doença — como ocorre na dengue.

O Ministério da Saúde investiga ainda se quatro casos de aborto espontâneo e dois de microcefalia em bebês têm relação com a febre Oropouche. Os registros foram em Pernambuco, Bahia e Acre. Esse esforço de apuração busca saber a extensão dos danos à saúde que podem ser provocados pela doença.

“A partir do momento que começou-se a detectar os casos de Oropouche e a investigar a correlação com a má formação fetal, evidenciou-se que existia essa relação de causalidade”, observa Barçante. “Na verdade, a gente tem registros um pouco mais antigos relacionados à má formação ocasionada por vírus da mesma família do Oropouche. Então, quando se identificou que o vírus Oropouche está circulando — porque houve melhora na captação de diagnóstico —, está sendo feita uma investigação retroativa de casos de microcefalia que não tinham uma origem relacionada a alguma outra causa”, acrescenta a

Conheça a febre Oropouche

A febre Oropouche é causada por um arbovírus chamado Orthobunyavirus oropoucheense (OROV) que existe no Brasil desde a década de 1960. Até então, ele ficava concentrado na região amazônica. Neste ano, pela primeira vez, a doença se espalhou pelo país e já contabiliza mais de 7 mil casos e duas mortes.

TRANSMISSÃO

O mosquito conhecido como “maruim” (**Culicoides paraensis**) é o principal transmissor da doença. Depois de picar uma pessoa ou animal infectado, o vírus permanece no inseto por alguns dias. Quando o inseto pica uma pessoa saudável, pode transmitir o vírus.

SINTOMAS

- Dor de cabeça intensa
- Dor muscular
- Náusea
- Diarreia

DIAGNÓSTICO

Para identificar a doença e, principalmente, diferenciá-la das outras arboviroses — como dengue, chikungunya e zika — é necessário realizar um teste laboratorial. Geralmente, ele só é feito após descartar as outras possibilidades das doenças similares.

TRATAMENTO

Não existe um tratamento específico para a doença. As recomendações médicas são de repouso, muita água e alguns medicamentos para dores pontuais.

epidemiologista. Ela relembra que outra arbovírose, a zika, já foi comprovada como causa de morte de fetos e microcefalia.

Explicação

O atual cenário epidemiológico, de acordo com os especialistas, pode ser explicado ou pela maior testagem para o vírus ou pela nova variante, batizada de 2015/2024. “Tudo indica que o vírus surgiu na região amazônica e circulava entre animais silvestres, que eram os vetores.



Fonte: Ministério da Saúde

AÇÕES DE PREVENÇÃO

- Evitar o contato com áreas onde fica o maruim, como beira de cursos d’água, matas e áreas com muita matéria orgânica
- Usar roupas que cubram a maior parte do corpo
- Aplicar repelente nas áreas expostas da pele
- Limpar terrenos e locais de proliferação de mosquitos
- Recolher folhas e frutos que caem no solo
- Uso de tela de proteção para mosquitos em portas e janelas



É um vírus que temos muito menos informação do que em relação à dengue. Do ponto de vista de tratamento estamos procurando, ele é de suporte, não existe específico, não existe vacina”

Felipe Naveca, virologista da Fiocruz

Ministério da Saúde mostra que, até o momento, apenas Rio Grande do Sul, Paraná, Distrito Federal, Goiás e Rio Grande do Norte não tiveram casos de oropouche confirmados. “Não dá para ter certeza se é por conta dessa linhagem que se espalhou ser mais transmissível porque também nunca houve tanta testagem para o vírus”, destaca Naveca.

Ainda de acordo com os pesquisadores, por iniciativa do Ministério da Saúde, os testes para a doença começaram a ser aplicados em todo país — antes, estavam concentrados na região amazônica. Isso fez com que muitos casos que não eram positivos para outras arboviroses fossem identificados como Oropouche. Segundo a Fiocruz, desde 2016, o instituto já chamava atenção para a necessidade de testagem, mas “não era prioridade para o governo”.

A expectativa, segundo os especialistas, é que, a partir de agora, com mais testes, a doença siga presente na realidade brasileira, assim como já é a dengue. Com mais estudos e conhecimento, será feito a melhora do tratamento e diagnóstico. O que pode ser feito pela população é a prevenção, evitando acúmulo de água e utilizando repelente.

CORRUPÇÃO

Operações da PF miram Tocantins

» RENATO SOUZA

O advogado Thiago Sulino de Castro, e Thales André Pereira Maia, filho do desembargador Helvécio de Brito Maia, foram presos nesta sexta-feira (23/8), no âmbito da Operação Maximus, da Polícia Federal, que investiga a venda de sentenças no Tocantins. A ação foi deflagrada para apurar crimes de corrupção ativa, exploração de prestígio, lavagem de dinheiro e organização criminosa no Judiciário do Estado do Tocantins.

Além das prisões preventivas, estão sendo cumpridas 60 ordens de busca e apreensão. Entre os endereços visitados pelas equipes policiais estão gabinetes de juízes no Fórum de Palmas e salas de desembargadores

do Tribunal de Justiça do Tocantins. Também estão sendo cumpridos mandados em escritórios de advocacia, e em endereços em Minas Gerais, São Paulo, Goiás e Distrito Federal.

Na casa do desembargador João Rigo, atual presidente do Tribunal Regional Eleitoral do estado, foram apreendidas armas longas. O TRE-TO informou que não é alvo da operação policial. O Tribunal de Justiça de Tocantins informou que está colaborando com o trabalho das autoridades e que repassou as informações solicitadas pelos investigadores.

As defesas de Thiago Sulino e Thales Pereira informaram que só vão se manifestar quando tiverem acesso aos autos. O espaço segue aberto para

futuras manifestações.

Em outra operação, também em Tocantins, a Polícia Federal vê ‘fartos indícios’ de que o governador Wanderlei Barbosa (Republicanos) tinha “pleno conhecimento” de “esquema sistemático” de desvio de recursos públicos com ‘cestas básicas de papel’.

Segundo a PF, Wanderlei teria dado continuidade ao suposto conluio quando assumiu o Palácio Araguaia. Os contratos investigados na Operação Fames-19 somam R\$ 38 milhões. O inquérito da PF indica prejuízo de pelo menos R\$ 1,85 milhão aos cofres públicos.

Os detalhes da investigação que levaram à abertura da Fames-19 nesta quarta, 21, constam da decisão do ministro

Mauro Campbell, do Superior Tribunal de Justiça, que deu aval para as diligências. O governador e sua família são o alvo principal da ofensiva.

Também foram vasculhados endereços de empresários que teriam ligação com o esquema sob investigação. A PF apreendeu quase R\$ 100 mil em espécie durante as buscas, parte do dinheiro na residência e no gabinete do governador. A PF também apura a participação de deputados estaduais no esquema.

Em nota, o governador Wanderlei Barbosa disse que recebeu “com surpresa, porém com tranquilidade”, a operação realizada pela PF. Ressaltou ainda que deseja a apuração célere e imparcial dos fatos, pois está confiante na sua inocência. (Com Agência Estado)

Alerta contra o calor

Fábio Vieira/ESTADÃO CONTEÚDO



O Instituto Nacional de Meteorologia emitiu alerta vermelho, de grande perigo, de onda de calor para os estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, São Paulo (foto), Minas Gerais, Goiás, Paraná e Rondônia. O instituto que a temperatura deve ficar 5°C acima da média até o início da próxima semana. O Inmet também emitiu um alerta laranja, de perigo, de tempestades na região Sul do País.